



DA ARCA DE BLAU A HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL: HISTÓRIA E LITERATURA EM *CONTOS GAUCHESCOS*

Aline Porto¹

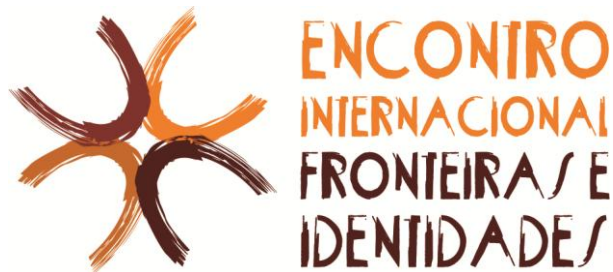
Resumo: *Contos Gauchescos* é uma obra de ficção do escritor pelotense João Simões Lopes Neto, publicada pela primeira vez em 1912 pela Livraria Universal da Echenique e Cia. Editores de Pelotas. A obra conta com dezenove contos narrados por sua personagem principal e narrador Blau Nunes, um vaqueano, um homem do pampa, que através de sua narrativa leva o ouvinte/leitor em uma “viagem” pelos pagos. O narrador conta episódios que ele mesmo participou, fazendo uma espécie de autobiografia; entre esses episódios podemos perceber o período de formação da sociedade rio-grandense cuja história nos é oferecida indiretamente (CHAVES, 1988, p.62). As narrativas feitas por Blau Nunes são resultantes de sua memória, são lembranças de suas vivências, de pessoas, lugares e situações, dotando essa obra de Simões Lopes Neto de uma linguagem única e que, de certa forma, mistura história e literatura. É sobre este enfoque, das relações entre História e Literatura que este artigo se apresenta, com objetivo de analisar os *Contos Gauchescos* como uma importante fonte para a História e, sobretudo, para a História Regional.

Introdução

Contos Gauchescos é uma obra de ficção do escritor pelotense João Simões Lopes Neto, publicada pela primeira vez em 1912 pela Livraria Universal da Echenique e Cia. Editores de Pelotas. A obra conta com dezenove contos narrados por sua personagem principal Blau Nunes, um vaqueano², um homem do pampa, que através de sua narrativa leva o ouvinte/leitor em viagem pelos pagos. O narrador conta episódios de que ele mesmo participou, fazendo uma espécie de autobiografia; entre esses episódios podemos perceber o período de formação da sociedade rio-grandense cuja história nos é oferecida indiretamente (CHAVES, 1988, p.62). As narrativas feitas por Blau Nunes são resultantes de sua memória, são lembranças de suas vivências, de pessoas, lugares e situações, dotando essa obra de Simões Lopes Neto de uma linguagem única e que, de certa forma, mistura história e literatura. É sobre este enfoque, das relações entre História e Literatura que este artigo se apresenta, com o objetivo de analisar os *Contos Gauchescos* como uma importante fonte para

¹ Mestranda em História - PUCRS. alineporto2@gmail.com

² Vaqueano: Aquele que conhece o caminho, uma espécie de guia.



a História e, sobretudo, para o estudo da História Regional.

A Literatura como fonte para a História e as suas relações

Por muito tempo a Literatura não foi tratada como uma fonte digna para a pesquisa histórica; desde que a História se tornou uma disciplina acadêmica o termo fonte passou a ser utilizado para referir-se, predominantemente, a documentos. A Escola Metódica Francesa, ao estabelecer sua metodologia implicada na crítica das fontes, conferiu às fontes escritas, principalmente de cunho oficial, um status de verdade. De acordo com Antonio Celso Ferreira (2009), os textos literários, nessa época, assim como outras fontes artísticas não eram considerados documentos fidedignos para atestar verdade histórica.

Mas com o passar do tempo essas premissas foram ultrapassadas. Era preciso novas fontes para responder a novas questões, as fórmulas já estavam desgastadas e os “paradigmas em crise”. Foi com a renovação da historiografia no século XX, e a importante contribuição da chamada Escola dos Annales, que buscava uma postura interdisciplinar para o estudo da História, que novas fontes de pesquisa foram tomadas. Os estudos sobre o imaginário abriram importante caminho para a reflexão sobre o modo de sentir, ver e expressar o real; dessa maneira abriram espaço para a investigação de textos literários. Segundo Ferreira (2009), a Nova História Cultural³, ao dedicar-se em especial à cultura, encontrou na produção literária uma das fontes mais significativas.

História e Literatura são narrativas construídas a partir do real, são representações dessa realidade que visam compreender, explicar, etc. Sandra Pesavento (2006) diz que a Literatura é um discurso privilegiado de acesso ao imaginário de diferentes épocas. Esse discurso cria personagens, possibilidades e uma visão sobre determinada época ou situação. Já o historiador não cria nem os fatos e, muito menos as personagens que atuaram nele. Mas de igual forma, o historiador cria, com base nesses fatos e nessas personagens um discurso narrativo.

A diferença, aqui, entre História e Literatura é que a primeira tem sempre como objetivo a verossimilhança, tendo em vista que já foram ultrapassadas as premissas de verdade absoluta na História. Dessa maneira, o historiador com base nas suas fontes, tem

³ Sobre A Nova História Cultural ver: HUNT, Lyn. **A Nova História Cultural**. 2º ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2001. - (O homem e a história)



como compromisso criar uma narrativa mais verossimilhante possível, mais próxima da realidade, para tal utiliza-se da retórica e dos rigores do método, sua narrativa deve ser comprovável. De outra forma, a Literatura, por mais conectada que esteja com a realidade, cria livremente personagens, fatos e experiências, que constituem possibilidades do real, expressões de mundo e, por isso, são tão importantes para os historiadores. De acordo com Renata de Souza (2006, p.16),

[...] a literatura se estabelece como uma via do passado, justamente por proporcionar à História um depoimento indireto e sensível sobre os anseios e os sentimentos das pessoas de um determinado tempo, assim como por preservar e revelar uma maneira possível de falar e de agir destes indivíduos de antanho.

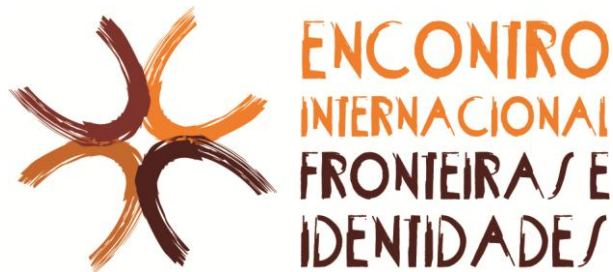
Sendo a literatura uma expressão desses indivíduos que estudamos, ela diz muito sobre como pensavam e/ou agiam em determinada época. Não importa se as personagens existiram ou não, elas

[...] Existiram enquanto possibilidades, como perfis que retraçam sensibilidades. Foram reais na “verdade do simbólico” que expressam não no acontecer da vida. São dotados de realidade, porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida, porque falam das coisas para além da moral e das normas, para além do confessável, por exemplo. (PESAVENTO, 2006, p.15)

Com todas essas proposições, podemos concluir que a Literatura é uma fonte de importância inestimável, pois nos dá acesso direto ao imaginário de uma época, como os homens daquele período se viam e viam os outros, o que pensavam, quais eram seus valores e suas percepções do mundo. A Literatura oferece para a História esse acesso, como dito acima, ao imaginário social, e isso não podemos encontrar em outras fontes, como certidões, registros, etc., ou seja, documentos considerados oficiais. Portanto, a Literatura pode ser considerada uma fonte legítima para a História, assim como todas as fontes analisadas com rigor metodológico pelo historiador se tornam matéria histórica.

Análise de *Contos Gauchescos* de João Simões Lopes Neto

Quem conta todos os contos, como já dito anteriormente, é Blau Nunes; com isso João Simões Lopes Neto parte da linguagem própria do gaúcho, a recria e a adapta para sua literatura. Segundo Schlee (2010, p.88), ele alcançou os patamares de sua particular e



especialíssima língua literária, dando categoria artística à voz de Blau, o gaúcho pobre que imaginava.

Antonio Cândido reconhece que geralmente nos livros regionalistas o “homem rural” é representado como alguém que não fala na norma culta, seu discurso é cheio de sotaque, formando um espetáculo pitoresco; enquanto o homem culto, assim, afirma a sua superioridade e sua fala é tão social e elevada que alcança a forma ideal de dicionário. (CÂNDIDO apud SCHLEE, 2010, p.88-89)

João Simões, nesse aspecto, supera essa dificuldade porque

[...] na tentativa de dar voz a Blau, o autor pelotense precisou superar suas próprias contradições de homem e de intelectual; teve que abafar a própria voz, fazendo ouvida a voz de sua imaginação; e conseguiu desenvolver um processo de recriação linguística que se fez autêntico e se revelou pleno de espontaneidade. (SCHLEE, 2010, p.89)

João Simões inova, dessa forma, dando voz a um sujeito, até então coadjuvante na literatura regionalista. Ele deixa que Blau Nunes fale, dê a sua ideia de mundo, de valores e mostra sua consciência em relação a tudo isso.

Schlee (2010, p.12) diz que Blau Nunes é a criação máxima de João Simões, pois se sobrepõe à figura idealizada com que fora concebido e, como narrador, problematiza a realidade narrada e a transforma, como “símbolo de um mundo em crise”. Ainda para Schlee (2010, p.12), Blau Nunes é o primeiro gaúcho de verdade da literatura brasileira. Havia mais gaúchos de verdade, mas estes encontravam-se na literatura do Prata.

Blau, sem ter sido bandido, também não foi herói. Não foi o “centauro dos Pampas”, o herói da idealização romântica que a Cisplatina, a Revolução Farroupilha e até a Guerra do Paraguai proporcionaram a autores brasileiros da época. Na figura de peão-soldado – carregador de peçuelos, furriel de Bento Gonçalves e chasque do Imperador – ele esteve sempre à margem e em posição subalterna, quando muito como testemunha privilegiada (ou não guardava as conversas dos grandes, ou graúdos não lhe davam confiança de explicar as coisas, ou tinha que ficar sem ouvir o que conversavam). Blau, portanto, foi apenas gente; não foi bandido nem herói: foi apenas gaúcho de verdade. E, como gaúcho de verdade, personagem e narrador, revela-se – ante uma realidade subjacente e um mundo em transformação em que se opõem o explícito, o velho e o novo – na busca do exato sentido da vida. (SCHLEE, 2010, p.13)

João Simões Lopes Neto, ao criar esse gaúcho, rompe com a tradição literária anterior e também não se encaixa em nenhuma escola literária, mas inova de forma a contribuir profundamente com a literatura rio-grandense e a produção literária posterior a sua obra.



Porém, sua obra só foi efetivamente estudada e reconhecida após a edição crítica da Editora Globo de 1949.

Devido às dimensões deste trabalho, analisarei de forma mais efetiva somente quatro contos, dos dezenove que compõem a obra, escolhidos de forma especial de acordo com a temática que se propõe este artigo. São eles: “Correr Eguada”, “Chasque do Imperador”, “Duelo de Farrapos” e “Contrabandista”.

O primeiro conto a ser analisado aqui é “Correr Eguada”, que remonta aos tempos em que o Rio Grande do Sul era um imenso campo aberto:

Tudo era aberto: as estâncias pegavam umas nas outras sem cerca nem tapumes: as divisas de cada estância estavam escritas nos papéis das sesmarias: e lá um que outro estancieiro é que metia marcos de pedras nas linhas, e isso mesmo quando aparecia algum piloto que fosse entendido do ofício e viesse bem apadrinhado. (LOPES NETO, 1961, p.163)

Esse trecho do conto nos fala sobre um período muito inicial da formação histórica do Rio Grande do Sul, nele as fronteiras das propriedades ainda não estavam bem demarcadas fisicamente, somente nos papéis das sesmarias. Estas eram concedidas pela Metrópole, Portugal, para organizar os territórios na colônia, o Brasil⁴. Geralmente, essas eram concedidas por trabalhos prestados à Coroa Portuguesa. Assim, esse conto nos traz um período muito primitivo da formação do nosso estado, um período em que ,como diz o próprio autor,

[...] ninguém sabia bem o que era seu, de animalada. Marcava-se, assinalava-se o que se podia, de gado, mas mesmo assim, pouco; agora, o que tocava à bagualada, isso era quase reiúno⁵... pertencia ao campo onde estava pastando. E mesmo nem tinha valor nenhum: égua baguala era só para tirar-se as loncas, alguma bota. (LOPES NETO, 1961, p.163).

Correr eguada era o ato de separar a eguada que servia da que não servia para formar uma tropilha que fosse útil. Vale lembrar que esses animais existiam em abundância e viviam soltos pelos campos a fora. Mas às vezes isso se dava apenas para limpar o terreno, ou seja, eliminar aqueles animais que estavam ocupando um terreno que serviria para plantação, habitação, etc..

⁴ Esse sistema já era utilizado na própria metrópole.

⁵ Diz-se de, ou animal sem dono, ou cujo dono é desconhecido, e que aparece nas estâncias. Adj. Ruim; ordinário; de má qualidade.



Podemos perceber no decorrer da leitura (do conto), que esse é o período em que o homem começa a impor a sua ordem à natureza, ou seja, o período em que começa a ser povoado o estado, onde ele começa a se organizar como sociedade, ou seja, um período muito inicial de formação do Rio Grande do Sul. Pozenato nos diz que Blau "[...] acompanhou a gestação da ordem, desde a sua forma rudimentar, como esta, de correr eguada, impondo a vontade do homem sobre o animal bravio." (2009, p.68). Com isso, este conto colabora para pensarmos como o início da formação de nosso estado e por conseguinte, de sua História, foram "bárbaros", primitivos. Este tipo de prática social não aparece com riqueza de detalhes nos documentos ditos oficiais, mas aparece nesta obra literária, que pode e deve ser utilizada por historiadores que se interessem em pesquisar e refletir sobre esse período.

“Chasque do Imperador” é o segundo conta a ser analisado aqui: trata-se de uma narrativa que conta sobre a vinda de Dom Pedro II para o Rio Grande do Sul por motivo da Guerra do Paraguai em 1865. Dom Pedro II veio para Uruguaiana com seus genros Duque de Saxe-Coburg-Gotha e Conde D'Eu, no caminho passando por outras cidades, para incentivar o alistamento voluntário de soldados para engrossar as fileiras do exército brasileiro na guerra. Esse conflito entre a Tríplice Aliança (Brasil, União Argentina⁶ e Uruguai) e o Paraguai foi o maior da história da América do Sul.

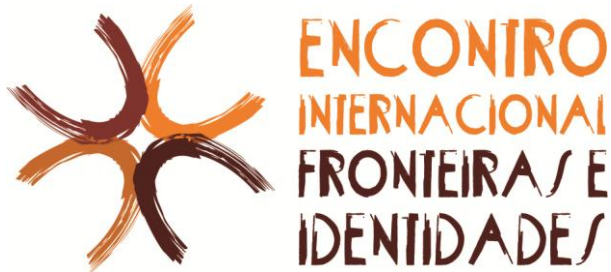
Nessa época, Blau Nunes era voluntário do exército brasileiro, mas já havia sido chasque⁷ e furriel na Revolução Farroupilha (1835-1845), onde conheceu o Duque de Caxias, o qual comandava as tropas imperiais naquela revolução e nessa guerra. Na primeira parte do conto, ele narra como foi escolhido para ser chasque do Imperador, ele também fala muito sobre este e sobre Caxias.

Esse conto, um pouco diferentes dos demais, não segue uma linha única na narrativa, ele conta sobre o Imperador, como era, como se comportava, como tratava as pessoas, enfim, uma descrição do mesmo, e algumas pequenas histórias que ele, Blau Nunes, havia presenciado juntamente com o Imperador e outras que ouviu contar. Numas dessas histórias que presenciou, uma senhora veio trazer um pouquinho de "fiambre":

Numa das marchas paramos num campestre, na beira dum passo, perto dum ranchito.
Daí a pouco, com a troxinha na mão apareceu uma velha, que tinha os olhos como retôvo

⁶ A União Argentina era o resultado da união da Confederação Argentina e do governo portenho. Essas duas entidades só formariam um único estado, a Argentina, após 1880.

⁷ Chasque: Mensageiro.



de bola. [...] (LOPES NETO, 1961, p.172)

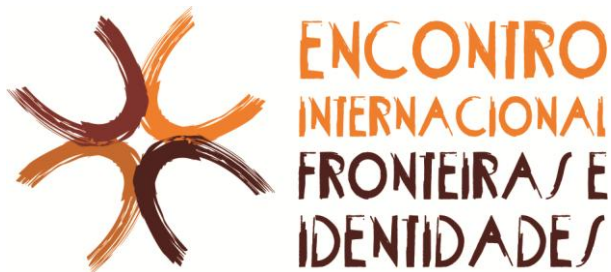
A senhora havia se dirigido até o acampamento para levar um requeijão para o Imperador, ela conta que seu marido ia ser fuzilado pelos caramurus se Caxias não tivesse chegado e impedido aquilo, por isso ficou para sempre grato e jurou que onde o Caxias lutasse lá iria ele lutar. Ao morrer seus filhos e netos assumiram a sua promessa e agora estavam na Guerra do Paraguai para lutar pela Tríplice Aliança e honrar a promessa da família. Nessa passagem da narrativa, podemos notar dois eventos muito importantes para a história do Rio Grande do Sul, a Revolução Farroupilha e a Guerra do Paraguai e como as várias gerações vivenciaram os sucessivos conflitos que se davam no sul do país, fazendo do Rio Grande, de acordo com Pinto (2006, p.102), uma província aguerrida, com homens experimentados em guerras.

O conto segue e termina com a passagem do Imperador pela cidade de Pelotas. Isso não fica explícito no texto, mas as coincidências históricas nos levam a essa conclusão. A primeira, é que o Imperador Dom Pedro II esteve na cidade quando veio ao sul durante o período da Guerra do Paraguai. A segunda, é o fato de o Imperador ter se hospedado na casa de um importante charqueador onde só lhe serviam doces requintados. Tendo em vista que Pelotas obteve seu apogeu no período das Chasqueadas e ficou nacionalmente conhecida por ser a cidade do doce, por causa de sua tradicional feitura de doces finos, herdada das tradições lusas, podemos pensar que sim, é a Pelotas que o autor se refere quando narra esse episódio peculiar. Uma alusão a cidade de João Simões Lopes Neto, pela qual ele tinha especial apreço.

Para pensarmos o próximo conto, temos de levar em conta o que nos dizem Chaves e Schlee: podemos perceber que Blau Nunes é uma personagem que representa o gaúcho comum, o peão de estância, que se encontra à margem das grandes decisões. É possível notar a sua consciência possível, em relação a tudo isso, por exemplo, no conto “Duelo de Farrapos”:

A gente como eu é bicho bruto e os graúdos não dão confiança de explicar as cousas, por isso é que eu não sei muitas delas: tenência não me faltava; mas como é que eu ia saber as de adentro dos segredos? ... (LOPES NETO, 1961, p.222)

Neste conto, Blau conta que era ordenança de Bento Gonçalves na época em que se



passa o acontecido. O autor traça uma cronologia minuciosa da República dos Farrapos, no período de 1842 a 1844. Assim como já colocamos anteriormente, a História nos é oferecida indiretamente e o conto se apresenta como uma crônica de um período datado.

Ao falar do ano de 1843 Blau conta que

[...] logo os chefes todos se desparramaram, porque o barão Caxias andava na estrada, levantando polvadeira.

E brigou-se!

Em S. Gabriel, na Vacaria, em Ponche Verde, no Rincão dos Touros. O governo tinha saído do Alegrete e estava outra vez em Piratinim; aí por perto peleou-se, e no Arroio Grande, em Jaguarão, nas Missões, sobre o Quaraim, em Canguçu, em Pai Passo.

Que ano que bebeu sangue, esse! (LOPES NETO, 1961, p.221)

Chaves (1982, p.123) nos diz que sendo assim, o histórico aparece inserido em um livro de ficção, pois é uma crônica da Revolução Farroupilha, que se cria através da rememoração de um dos seus episódios mais importantes. Compreende-se, então, que Blau Nunes, um personagem de ficção, é como parte integrante dessa realidade acontecida e reavalia a situação, pelo seu relato, em dimensão pessoal, transformando a dimensão real em ficção.

O último conto a ser tratado aqui é “Contrabandista”, essa personagem tão comum na História gaúcha aparece nesse conto como figura central, onde sua prática, apesar de ilegal, é tomada como uma fatalidade histórica e o mesmo é visto com simpatia, como parte imprescindível do mundo sul-rio-grandense.

Nesta terra do Rio Grande sempre se contrabandeou, desde em antes da tomada das Missões.

Naqueles tempos o que se fazia era sem malícia, e mais por divertir e acoquinar⁸ as guardas do inimigo: uma partida de guascas⁹ montava a cavalo, entrava na Banda Oriental e arrebanhava uma ponta grande de eguariços¹⁰; abanava o poncho e vinha a meia rédea; apartava-se a potrada¹¹ e largava-se o resto; os de lá faziam conosco a mesma cousa; depois era com o gados, que se tocava a trote e galope, abandonando os assoleados¹². (LOPES NETO, 1961, p.207)

Esse conto, além de tratar do contrabando na fronteira, mais precisamente conta a

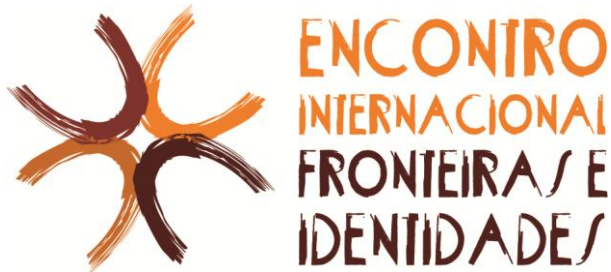
⁸ Incomodar

⁹ Neste caso, o mesmo que gaúcho.

¹⁰ Certa quantidade de cavalos.

¹¹ Separavam-se os potros, os cavalos novos, de algum valor.

¹² Cansados.



história de Jango Jorge, um contrabandista experiente que vai, um dia antes do casamento da filha, buscar seu enxoval na Banda Oriental. Blau Nunes estava de passagem e foi convidado para ficar para o casamento. No dia do grande acontecimento tudo estava pronto, mas Jango Jorge não chegava. A filha, coitada, chorava e ria, ria-se de alegria pelo casamento e chorava porque o pai não chegava com o seu vestido, véu e tudo mais que uma noiva precisa. Foi quando então, depois de horas de espera, que chegou a comitiva. Esta trazia o corpo entregue de um homem, todos entenderam que a festa chegara ao fim mesmo antes mesmo do começo. Foi quando um dos homens explicou:

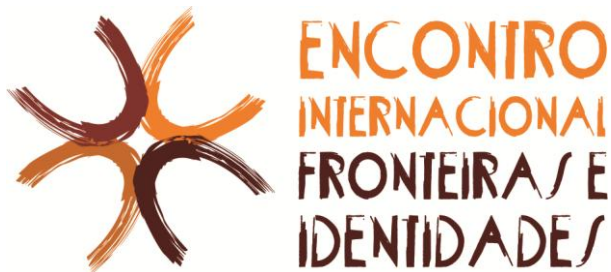
- A guarda nos deu em cima... tomou os cargueiros...E matarão o capitão, porque ele avançou sozinho pra mula ponteira e suspendeu um pacote que vinha solto...e ainda o amarrou no corpo... Aí foi que crivaram de balas... parado... Os ordinários!... Tivemos que brigar pra tomar o corpo! (LOPES NETO, 1961, p.211)

Jango Jorge morre para não entregar o vestido de noiva à polícia da fronteira, ele sabia da importância daquele vestido para a filha e amarrou o pacote ao corpo para que não o levassem, e por causa disso atiraram e mataram o contrabandista. O fim trágico do conto traz, de certa forma, a realidade vivida por esses contrabandistas de ambos os lados da fronteira. Por mais comum que fosse a prática, ela era proibida.

Considerações Finais

Creio que utilizar a Literatura como fonte para a História possibilita vê-la sobre um outro ângulo, pois, diferentemente dos documentos ditos oficiais ela pode revelar uma maneira possível de hábitos, linguagem e costumes de tempos passados. Permite reflexões sobre o imaginário social, a cultura e a possível criação de representações que se dão a partir da obra literária. De acordo com Souza (2006, p.11), cabe à História evidenciar e distinguir os tipos de discurso produzidos por uma sociedade, dar-lhes probabilidade de eco através do tempo, além de buscar nas palavras os vestígios, os traços culturais que podem contribuir para a melhor compreensão da identidade de um determinado grupo social.

Dessa maneira, penso que a análise de *Contos Gauchescos* de João Simões Lopes Neto é de grande valia para a História por tratar um período histórico determinado sob um novo



ângulo, é pensar como determinado tipo social, no caso o gaúcho, foi representado na literatura e no tempo em períodos diferentes e como se deu esse processo de representações. Sendo a obra de João Simões Lopes Neto um divisor de águas em relação à tradição literária anterior, que pensava no gaúcho como bandido ou como herói, João Simões Lopes Neto o pensou e o criou um simples peão, sem posses, mas com virtudes humanas, e apesar de todo o regionalismo empregado na obra, a torna universal por se tratar de virtudes e erros universais.

Também é possível refletir sobre como os autores pensaram a história, seja ela de seu tempo ou do passado. A escolha dos episódios a serem narrados, das personagens, tudo isso deve ser levado em conta quando se trabalha a literatura como fonte para a história. Refletir como o autor monta sua obra de ficção é de imensa importância para se pensar a própria obra. Assim como os historiadores, os literatos não estão isentos das influências de seu tempo e suas obras nos trazem muito sobre esse tempo e, também, sobre o tempo que os autores das ficções pretendem retratar.

REFERENCIAS

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. O Novo Romance histórico brasileiro: o caso gaúcho. IN: *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.37, nº2, p.75-82, junho, 2001.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto: Regionalismo & Literatura*. Porto Alegre. Mercado Aberto. 1982.

_____. *História e literatura*. – Porto Alegre: Ed. Da universidade/UFRGS; MEC/SESu/PROED, 1988.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura Gaúcha*. – Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

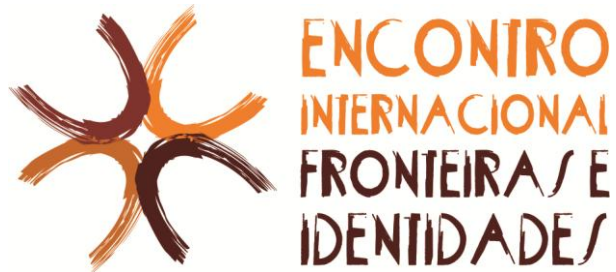
LOPES NETO, João Simões Lopes. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Editora Globo. Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo. 2º edição. 4º reimpressão. Coleção Província. 1961.

MASSOT, Ivete Simões Lopes Barcelos. *Simões Lopes Neto na intimidade*. – Porto Alegre: BELS, 1974.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma *velha-nova* história. IN: COSTA, Cléria Botelho da., MACHADO, Maria Clara Tomaz (org). *História e Literatura: Identidades e Fronteiras*. Edufu, Uberlândia, 2005.

_____. *História & História Cultural*. – 2.ed. 2.reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PINTO, Genivaldo Gonçalves. *A Província na Guerra do Paraguai*. IN: BOEIRA, Nelson., GOLIN, Tau (org). *Coleção Geral do História Rio Grande do Sul - Império II*. Passo Fundo:



Méritos, 2006. vol.2.

POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. – Caxias do Sul, RS: EducS, 2009.

REVERBEL, Carlos. *Um Capitão da Guarda Nacional, vida e obra de J. Simões Lopes Neto*. – Universidade de Caxias do Sul, Martins Livreiro, 1981.

SCHLEE, Aldyr Garcia. *Lembrança de João Simões Lopes Neto*. – Pelotas, RS, 2010.

SOUZA, Carla Renata Antunes de. *De rio-Grandense a gaúcho: o triunfo do avesso: um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1977)*. Porto Alegre, 2006. Dissertação – Mestrado.